

Um conto da literatura e sua relação com a psicologização da educação

Ligia de Carvalho Abões Vercelli*

Resumo

O presente artigo aborda o papel que a Psicologia tem ocupado na educação fazendo uma analogia com o conto longo “O alienista” de Machado de Assis. Buscamos mostrar de que forma a escola, em alguns momentos, foge de sua responsabilidade ao fazer encaminhamentos excessivos de crianças e jovens para tratamento psicológico e como, muitas vezes, os profissionais de psicologia são cúmplices uma vez que iniciam e dão continuidade a um tratamento ignorando o trabalho realizado pelos professores e pela instituição. Assim, recorreremos à literatura para abordar a questão da psicologização da Educação. Faremos inicialmente um breve resumo do conto citado apontando a atitude tomada pelo personagem principal, o médico Simão Bacamarte em relação aos habitantes da cidade. Em seguida fazemos uma comparação da atitude de Bacamarte com a atitude dos gestores e professores no contexto escolar atual.

Palavras-chave: ética, gestores, professores, profissionais da saúde.

Abstract

This article discusses the role that psychology has played in education by making an analogy with the story "The Alienist" by Machado de Assis. We seek to show how the school is exempt from its role in making referrals of children and youth excessive for psychological treatment and how often the psychology professionals are complicit because begin and continue treatment while ignoring the work done by teachers and institutions. Thus, we turn to literature to address the issue of psychologizing of Education. We will initially a brief summary of the story said pointing to the attitude taken by the main character, Simão Bacamarte doctor for the inhabitants of the city. Then we compare the attitude of Bacamarte with the attitude of managers and teachers at school today.

Key words: ethics, managers, teachers, health professionals.

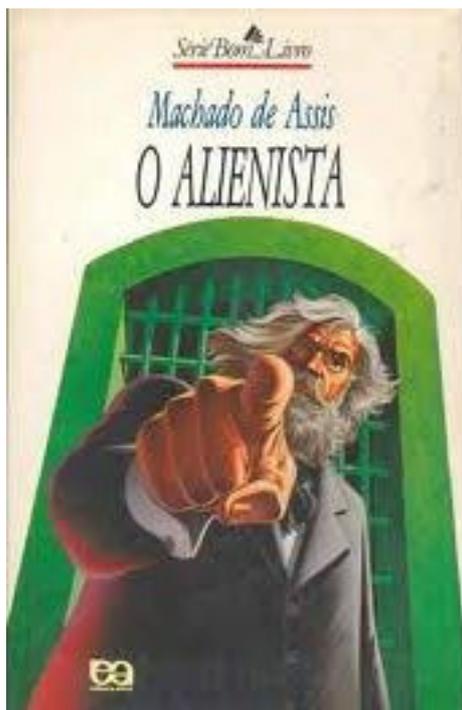


* **LIGIA DE CARVALHO ABÕES VERCELLI** é doutoranda e mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em educação da Universidade Nove de Julho (UNINOVE).

1. Introdução

O presente artigo aborda o papel que a Psicologia tem ocupado na educação fazendo uma analogia com o conto longo¹ “O alienista” de Machado de Assis. Buscamos mostrar de que forma a escola, em alguns momentos, foge de sua responsabilidade ao fazer encaminhamentos excessivos de crianças e jovens para tratamento psicológico e como, muitas vezes, os profissionais de psicologia são cúmplices uma vez que iniciam e dão continuidade a um tratamento ignorando o trabalho realizado pelos professores e pela instituição.

Em muitos casos, quando os alunos não aprendem, o fracasso é depositado sobre eles, como se fossem os únicos responsáveis. Todos aqueles que fogem do “padrão ideal” esperado pela escola, ou seja, tem dificuldade para aprender, não pára quieto, são lentos demais, são “agressivos”, entre outros comportamentos são encaminhados para os profissionais da saúde, principalmente psicólogos. Essa situação nos levou a lembrar que Machado de Assis fez uma denúncia parecida no conto “O alienista”.



Na figura do médico Simão Bacamarte, todos os habitantes da cidade de Itaguaí, no Rio de Janeiro, que não se expressavam conforme seu ideal de ser humano, eram trancafiados no manicômio de sua propriedade. Portanto, para abordarmos a psicologização na educação, nos dias atuais, faremos uma analogia do conto “O alienista” e a atitude de alguns profissionais das escolas em relação às dificuldades

encontradas por nossas crianças e jovens. Para tanto, fizemos inicialmente um breve resumo da história apontando como procedia o personagem principal do conto, o médico Simão Bacamarte em relação aos habitantes da cidade. Em seguida, comparamos a atitude de Bacamarte com a atitude dos gestores e professores no contexto escolar atual e, como muitos profissionais da área da saúde têm sido coniventes com esta situação.

2. Um breve resumo do conto “O Alienista” de Machado de Assis

Machado de Assis escreveu o conto “O alienista” no final do século XIX, precisamente entre outubro de 1881 e março de 1882. Nele, o autor, retrata uma sociedade sob a ótica de dois mundos opostos e irreconciliáveis que trafegam entre a razão e a loucura, tendo como personagem principal, o doutor Simão Bacamarte, médico conceituado em Portugal e na Espanha, que, apesar dos vários convites que recebe de “El-Rei”, prefere voltar para o

¹ *O Alienista* é considerado um conto longo uma vez que, segundo Benhamim Heydrick, atende às seguintes características: ele está voltado a um aspecto geral, é plano e linear, interessa-se pelo mundo externo, ou seja, a história em si mesma, nenhum aspecto permanece acima de um outro e não apresenta interferência de reação psicológica.

Brasil. O personagem representa o cientificismo que predominava na época, isto é, considerava os conhecimentos científicos como certos e definidos e baseava-se na razão. Para o cientificismo tudo é explicado pela ciência, portanto esta é dona absoluta da verdade e fator de explicação das frustrações humanas.

A história se passa em Itaguaí, cidade do Rio de Janeiro, aonde o doutor Simão Bacamarte, veio residir e tem a ciência como seu emprego único. O mesmo constrói a “Casa Verde” para abrigar os “loucos” da cidade e tem como objetivo estudar os limites entre a razão e a loucura. Este se localiza na mais bela rua de Itaguaí, tem cinquenta janelas de cada lado, um pátio no meio e muitos quartos pequenos para abrigar os “loucos”.

Para o doutor Bacamarte, o principal é estudar profundamente a loucura, em seus diversos graus, classificar os casos, descobrir a causa da doença e o remédio que irá curar. Assim, dedicou-se ao psíquico e ao exame de patologia cerebral.

A idéia, a princípio deixou os habitantes de Itaguaí satisfeitos, pois antes disso os “loucos” eram trancados em casa sem chance de cura. Ao recolher os “loucos”, o alienista iniciou a classificação de seus enfermos. Dividiu-os, primeiramente, em duas classes principais: os furiosos e os mansos; daí passou às subclasses, monomanias, delírios, alucinações diversas.

Dessa forma, começou um estudo apurado; analisava os hábitos de cada interno, as horas de acesso, as aversões, as simpatias, as palavras, os gestos, as tendências; fazia inquérito sobre a vida dos enfermos a respeito da profissão, costumes, circunstâncias da morbidez, problemas da infância e da mocidade,

doenças de outra espécie, antecedentes na família. E cada dia notava uma observação nova, uma descoberta interessante, um fenômeno extraordinário. Ao mesmo tempo estudava as substâncias medicamentosas, os meios curativos e os meios paliativos.

Inicialmente, os habitantes de Itaguaí elogiaram a atitude do alienista, mas os exageros de Simão Bacamarte ocasionaram um motim popular, liderado pelo barbeiro Porfirio. Este acaba vitorioso, mas volta atrás e alia-se ao alienista. Há uma intervenção militar e os revoltosos são enviados para o hospício e, Bacamarte, recupera seu prestígio.

Algum tempo depois, Bacamarte percebeu que a maioria da população estava na “Casa Verde” e que algo em sua teoria devia estar errado. Ele percebe que os indivíduos não são perfeitos e que cada um tem a sua personalidade com exceção dele próprio então, apesar de vários protestos, internar-se na “Casa Verde” onde se entrega ao estudo e à cura de si mesmo. Morreu dezessete meses depois.

3. Analogia da atitude do doutor Simão Bacamarte com a de professores e gestores no contexto escolar atual.

No conto acima descrito, Machado de Assis (2004) já fazia um alerta à psicologização existente naquela época. No trecho abaixo ele aponta esse fato:

Um homem não podia dar nascerça ou curso a mais simples mentira do mundo, mesmo aquelas que aproveitam ao inventor ou divulgador, que não fosse logo metido na Casa Verde. Tudo era loucura. Os cultores de enigmas, os fabricantes de charadas, de anagramas, os maldizentes, os curiosos da vida alheia, ninguém

escapava do alienista. Ele respeitava as namoradas e não poupava as namoradeiras, dizendo que as primeiras cediam a um impulso natural e as segundas a um vício. Se um homem era avaro ou pródigo, ia do mesmo modo para a Casa Verde; daí a alegação de que não havia regra para a completa sanidade mental. (p.38)

Psicologizar segundo Holanda (2011) significa “dedicar-se à psicologia” e o termo psicologização é empregado a fim de apontar que todos os comportamentos humanos podem ser entendidos por meio dessa ciência, ou seja, tudo que é diferente, que foge aos padrões merece auxílio da psicologia e dos profissionais dessa área do conhecimento.

Nesse sentido, recorremos a Foucault (1968, p 71) ao observar que “[...] a doença só tem realidade e valor de doença no interior de uma cultura que a reconhece com tal”. Isto significa dizer que a relação saúde/doença poderá ser explicada de acordo com a realidade coletiva e que somente entendendo a constituição interna de uma sociedade, é que se poderá compreender determinada “patologia” concretamente.

Como mostra o conto, algumas pessoas internadas, no início, realmente precisavam de uma conduta médica, porém, pouco a pouco, a maioria dos habitantes foi internada por qualquer motivo. Assistimos hoje em dia um processo semelhante em nossas escolas. Vários autores que citamos a seguir têm alertado para esse fato.

Infelizmente, grande parte das escolas não está construída em belas ruas das grandes cidades, como estava o asilo de Bacamarte, pelo contrário, está na periferia dos grandes centros urbanos e muitas padecem de infra-estrutura básica para seu funcionamento. São

escolas públicas que possuem um ensino muito abaixo do esperado, crianças cujas famílias têm baixo poder aquisitivo e que buscam, na escola, um lugar de ascensão social.

O doutor Simão Bacamarte internava a todos, sem motivo aparente, sem conhecer sua história, sem levar em consideração o contexto social de cada um, apenas observando a conduta aparente e se esta não fosse condizente com o que ele considerava normal era recolhido na “Casa Verde”.

Apesar de as crianças irem às nossas escolas e não serem recolhidas como acontece no conto, podemos observar algo semelhante. Qualquer criança que foge ao padrão estabelecido é encaminhada aos profissionais de diferentes áreas da saúde, principalmente psicólogos. Tudo passa a ser motivo de fracasso, o problema geralmente está no aluno e nenhuma investigação mais apurada é feita por parte dessa instituição. Essas crianças são “julgadas” sem que se leve em conta o todo e a escola insiste em não querer enxergá-las inseridas em um contexto histórico determinado.

De acordo com Proença (2004), dados mostram que são os professores e gestores que encaminham crianças com dificuldade de aprendizagem para tratamento médico e psicológico. Esses profissionais, muitas vezes, fazem esse encaminhamento quando a criança se encontra nas séries iniciais, e não percebem que o início de escolarização é fundamental para o desenvolvimento futuro da criança. Nesse sentido, comenta Freller (2004, p. 138-39)

O início do processo de escolarização é um momento extremamente importante para a criança e para os pais, em que fantasias e expectativas em relação à capacidade e ao destino de cada

indivíduo e de sua família podem se concretizar, em função do desempenho escolar. [...] cabe à escola facilitar a passagem do mundo familiar para a cultura mais ampla, capacitando a criança de fluir a herança cultural, simbolizar de forma cada vez mais complexa e diversificada e se integrar ao mundo compartilhado de forma pessoal e criativa.

Assim, crianças e jovens são estigmatizados como “portadores de problemas de aprendizagem” e que acabam vestindo a camisa de “problemáticas”, “incapazes”, entre outros. Tudo passa a ser motivo de encaminhamento. Não escreve ou lê direito é disléxico, fala ou movimentase demais, é hiperativo, não faz lição de casa, tem família desestruturada, entre outros rótulos.

Por internar as pessoas sem motivo aparente, a população de Itaguaí se revoltou, porém isso não acontece em nossas escolas. Muitos pais acreditando na escola como único espaço formador, acatam a sugestão dos educadores e buscam um tratamento, muitas vezes sem entender o porquê, pois conhecem o filho e vêem que o mesmo apresenta comportamento contrário àquele exposto pelos profissionais diante da família e/ou outros grupos sociais ao qual pertencem iniciando-se, assim, a exclusão.

A pesquisa em Psicologia, até então, tem mostrado a legitimação de um discurso que medicalizou e/ou psicologizou os problemas de aprendizagem e, em geral, depositou sobre a criança e seus pais a causa dos problemas escolares. (PATTO, 1990)

No conto, Bacamarte dividiu os “loucos” em mansos e furiosos e, muitas escolas, ainda hoje, dividem os alunos em grupos dos fracos, médios e

bons. Nessa perspectiva, ressalta Freller (2004, p. 139-40), baseando-se nos resultados de uma pesquisa por ela realizada: “a manutenção do fracasso, por parte da escola, ocorreu pela incapacidade de entender as necessidades destes alunos para tentar ajudá-los a sair do lugar de incapazes que foram confinados [...]”.

Aquino (2002), argumenta que vivemos numa sociedade psicologizada, isto é, aquela que se organiza baseada na ordem “psi”. Fala-se do ‘aluno-problema’ que de certa forma explica os entraves da Educação. De acordo com o autor é mais fácil encaminhá-los para outros profissionais do que reavaliar o trabalho pedagógico e discutir diferentes formas de conduta.

Complementa comentando que a Psicologia sempre é convocada para explicar o fracasso escolar de uma parcela do “alunado” e nunca o sucesso. Para ele, o professor deveria olhar o aluno como o artista faz com a obra de arte, isto é, com se fosse a primeira vez, pois esse olhar vigoriza, enquanto o olhar psicologizante estigmatiza.

Esse olhar psicologizante pode estar relacionado “[...] ao fato de que a escola não respeita as diversidades culturais existentes dentro dela, da mesma forma que pretende impor seus valores, via suas metodologias de aprendizagens e para além disto e talvez por isto não leve em consideração os estímulos natos trazidos por seus alunos. (BECKER, 2010, p. 90)

Acreditamos que este olhar deva ser de uma intervenção pedagógica adequada; compreendendo o desenvolvimento físico, mental, emocional e social dos alunos. Os psicólogos que trabalham nas Unidades Básicas de Saúde (UBSs) e/ou em clínicas particulares têm recebido encaminhamentos para

realizarem psicodiagnósticos em crianças e jovens, na grande maioria com queixa de dificuldade escolar.

Infelizmente, muitos desses profissionais têm aceitado essa situação sem questionamentos. A criança inicia um tratamento e nenhum encontro desse profissional com a escola, muitas vezes, sequer é realizado. Qual a história escolar dessa criança ou jovem? A pergunta fica sem resposta e estes passam a ser rotulados como portadores desta ou daquela patologia.

Nesse sentido, salienta Patto (2005, p.170)

Os psicólogos clínicos têm, em sua maioria, se recusado a entender que, ao fechar o foco numa criança e numa família descontextualizadas social, política e institucionalmente, realizam uma manobra efficientíssima que despolitiza o cotidiano e justifica as desigualdades produzidas pela estrutura social de classes, ao transformá-las em desigualdades pessoais de aptidão para aprender. Do laudo psicológico ao estigma é um passo que os psicólogos continuam a apoiar, destituídos que estão da capacidade teórica de refletir sobre a filiação histórica da ciência que praticam.

Usando-se deste artifício, a escola deixa de cumprir um de seus papéis que é ensinar, foge da sua responsabilidade, culpabiliza a criança e seus familiares como se fossem os responsáveis pelo fracasso escolar. Continua sendo a transmissora de conhecimentos vendo o aluno como ser incapaz de construir conhecimento. Sabemos que não é esta a proposta da escola atual, mas também sabemos que esse quadro se apresenta em muitas instituições. Precisamos trabalhar e denunciar para que essa transformação aconteça.

Esses fatos ocorridos na escola nos remetem a uma definição de ética que tem a ver com tudo aquilo que equilibra nossos atos, ela deve ser sustentada por valores firmes e compartilhados com todos os profissionais da escola, caso contrário, nossas crianças continuarão a ser vitimadas.

Segundo Aquino (2002, p. 131), a ética é “aquilo que nos une para que possamos diferenciar-nos uns dos outros e, então, para que nosso trabalho possa ser julgado, tanto por nós como pelos outros”. Acrescenta comentando que temos hoje professores e gestores buscando apoio em outras áreas do conhecimento mostrando-se sem autonomia e capacidade suficientes para discutir os problemas escolares que emergem no cotidiano. Quanto a isso, poderíamos discutir a formação dos professores que é falha e também necessita transformação, porém não é esse nosso objetivo.

Um dos problemas enfrentados pela maioria das escolas é que muitas vezes não existe a discussão nem a reflexão do fazer pedagógico dos profissionais que nela trabalham, conseqüentemente esses profissionais ficam impotentes diante de situações que emergem no cotidiano escolar. Dessa forma, o trabalho do professor fica restrito cabendo aos alunos a responsabilidade por eventuais falhas.

Rios e Lorieri (2004, p. 60), ressaltam que os profissionais, em suas respectivas escolas, precisam identificar os problemas, analisar o que é possível fazer e o que é necessário para transformar a situação. Nesse sentido, salientam: “Ampliar a qualidade do nosso trabalho de educadores e trazer a alegria para a escola implica um primeiro movimento: conhecer criticamente a escola. Será que nossos

professores e professoras realmente conhecem as escolas onde trabalham?”

Do mesmo modo que Simão Bacamarte no final libertou a todos sem curá-los e percebeu que era ele quem precisava se recolher a fim de buscar a cura de si mesmo, a escola tem “libertado” os alunos mal sabendo ler e escrever, muitos desses são considerados incapazes de aprender e a escola deixa de reconhecer uma de sua responsabilidade social que é ensinar. Isso quando os alunos não se evadem após sucessivos anos de insucesso e, conseqüentemente, baixa autoestima. Será que a instituição escolar irá repensar seu papel modificando o que está errado em sua dinâmica sem culpabilizar nossas crianças e jovens e buscar a cura assumindo suas falhas e responsabilidades?

Concordando com Aquino (2002), acreditamos que a cura seria uma ação ética pautada na beleza que não pode deixar de lado as diferentes condições sociais. É necessário encarar o aluno como um ser ativo, histórico e social. É com esse exercício que, como profissionais da educação, passaremos a perceber que temos muito a aprender com os alunos; cada um traz vivências diferentes que, com certeza, contribuem no nosso dia a dia.

O aluno desde pequeno deve ser compreendido em suas necessidades, deve ser ouvido, deve se expressar, deve ser tratado como ser em formação e que necessita do adulto para tal. Os educadores na escola devem propor atividades motivadoras e que propiciem a reflexão e o pensamento crítico. Para isso, devem aceitar a diversidade humana e considerar as potencialidades da cada criança e jovem.

Considerações finais

Neste artigo buscamos mostrar de que forma a escola e alguns profissionais da saúde, no caso, psicólogos, têm contribuído para reafirmar a injustiça na qual a maioria de nossas crianças e jovens vive, quando, no primeiro caso encaminham-nos para tratamentos psicológicos e, no segundo aceitam-nos sem questionar a realidade sócio-cultural no qual estão inseridos.

Fizemos uma analogia com o conto “O alienista” de Machado de Assis, pois entendemos que a conduta do médico Simão Bacamarte é parecida com a atitude de alguns gestores e professores, uma vez que ao fugir dos padrões estabelecidos, as crianças, os jovens e suas famílias são culpabilizados pelos possíveis fracassos “internando-os” nos consultórios dos psicólogos que, ao aceitarem realizar o tratamento sem questionamento a respeito do trabalho realizado pela instituição tornam-se cúmplices dessa situação.

À escola cabe acolher a criança, buscar entender o porquê de determinadas atitudes e a causa da não aprendizagem. O grupo de alunos que nela se apresenta atualmente é bastante heterogêneo, traz anseios e vivências diversificados e que necessitam ser considerados pelos educadores. Como fazer para buscar a cura? Qual o remédio?

Seria ingênuo de nossa parte acreditar que ela [a cura] venha de imediato, porém é nossa postura como educadores que irá provocar, de início, pequenas transformações. Acreditamos que perceber o aluno na sua totalidade, entender a diversidade humana, ter uma escuta e um olhar apurados sobre os fatos que ocorrem no cotidiano escolar e, acima de tudo, acreditar que todos têm potencial para aprender seria o primeiro passo. As aprendizagens não

ocorrem da mesma forma e no mesmo momento e as habilidades diferem de criança para criança, sendo que estas necessitam do professor para que de fato aprendam. Nesse sentido, recorremos a Freire (1996, p. 70) quando aponta que não dá para:

[...] negar que o meu papel fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador. Se trabalho com crianças devo estar atento á difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos; se trabalho com jovens ou adultos, não menos atento devo estar com relação a que o meu trabalho possa significar como estímulo ou não à ruptura necessária com algo defeituosamente assentado e à espera de superação [...].

Portanto, como formadoras de professores que irão atuar na escola básica e de futuros psicólogos que atuarão na área clínica percebemos a necessidade de desmistificar o lugar que a Psicologia tem ocupado. Como professores, temos um dever ético para com nossos alunos e este é levá-los a refletir sobre as dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar sem culpabilizar o aluno e/ou a família, pois esses são fruto de uma sociedade desigual que vê os dominados por meio dos interesses dos dominadores.

É necessário que os futuros professores e que os futuros psicólogos saibam dos

limites que irão encontrar, mas, acima de tudo, que saibam que existem muitas possibilidades de mudança e, para isso eles deverão conhecer a realidade sócio-educacional dos nossos alunos.

Referências

AQUINO, Julio Groppa. **Diálogos com educadores: o cotidiano escolar interrogado**. São Paulo, Moderna, 2002.

ASSIS, Machado de. **O Alienista**. São Paulo. Ática, 2004.

BACKER, Gislaine. (Re)pensar a educação e o ensino da literatura. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 105, p. 87 a 94, fevereiro de 2010.

FOUCAULT, Michel. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRELLER, Cíntia. Crianças portadoras de queixa escolar: reflexões sobre o atendimento psicológico In **Psicologia escolar: Em busca de novos rumos**. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2004.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

LORIERI, Marcos Antônio; RIOS, Terezinha Azeredo. **Filosofia na escola: o prazer da reflexão**. São Paulo. Moderna, 2004.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo. Casa do Psicólogo, 1999.

PROENÇA, Marilena. As contribuições dos estudos etnográficos na compreensão do fracasso escolar no Brasil In **Psicologia escolar: Em busca de novos rumos**. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2004.

_____. A queixa escolar e o predomínio de uma visão de mundo In **Psicologia escolar: Em busca de novos rumos**. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2004.